

SEÇÃO 3 - COMERCIALIZAÇÃO

Distribuição de Derivados de Petróleo

- 3.1 Bases de Distribuição
- 3.2 Vendas das Distribuidoras

Revenda de Derivados de Petróleo

- 3.3 Postos Revendedores
- 3.4 Transportadores-revendedores-retalhistas (TRRs)
- 3.5 Preços ao Consumidor

Qualidade dos Combustíveis

- 3.6 Programa de Monitoramento da Qualidade dos Combustíveis (PMQC)

Comercialização de Gás Natural

- 3.7 Consumo Próprio e Vendas de Gás Natural

As atividades de comercialização, assunto da presente seção, subdividem-se em quatro temas: **Distribuição de Derivados de Petróleo, Revenda de Derivados de Petróleo, Qualidade dos Combustíveis e Comercialização de Gás Natural.**

Apesar do grande empenho da ANP na coleta, análise e organização dos dados, grande parte da informação aqui contida é transmitida pelos agentes distribuidores autorizados e, conseqüentemente, sua qualidade está diretamente ligada à acurácia dos dados por eles passados.

O tema **Distribuição de Derivados de Petróleo** divide-se em dois capítulos: *Bases de Distribuição* e *Vendas das Distribuidoras*. O primeiro retrata a infraestrutura da distribuição de derivados no País ao fim de 2011, e o segundo faz um registro do volume comercializado pelas distribuidoras nos últimos dez anos.

Na seqüência, a **Revenda** é analisada em três capítulos: sob a ótica dos *Postos Revendedores*, dos *Transportadores-revendedores-retalhistas (TRRs)* e dos *Preços ao Consumidor*. Os dois primeiros apresentam, respectivamente, a base de revenda de derivados dos postos e a dos TRRs; enquanto o terceiro traz um registro dos preços ao consumidor, calculados a partir do levantamento de preços da ANP e das informações das distribuidoras.

Uma novidade neste Anuário é o tema **Qualidade dos Combustíveis**, que mostra as não conformidades encontradas em amostras de etanol hidratado, gasolina C e óleo diesel.

O último tema desta seção – **Comercialização de Gás Natural** – enfoca a evolução de vendas, consumo próprio e demais destinos do gás natural produzido e importado pelo Brasil.

Distribuição de Derivados de Petróleo

3.1 Bases de Distribuição

Ao fim de 2011, havia no Brasil 329 bases de distribuição de combustíveis líquidos autorizadas pela ANP, divididas da seguinte maneira pelas regiões: 118 no Sudeste, 66 no Sul, 52 no Centro-Oeste, 47 no Norte e 46 no Nordeste. Por sua vez, as Unidades da Federação com maior número de bases eram São Paulo (79), Paraná (40), Mato Grosso (26), Pará (20) e Minas Gerais (19).

A capacidade nominal de armazenamento desta infraestrutura era de 3,9 milhões m³. Deste total, 3 milhões m³ ou 77,4% se destinaram aos derivados de petróleo (exceto GLP) e se dividiram pelas regiões nos seguintes percentuais: Norte (14,4%), Nordeste (20,3%), Sudeste (41,5%), Sul (16,9%) e Centro-Oeste (6,8%).

Já as bases de distribuição de etanol tiveram capacidade de armazenamento de 720,9 mil m³ (18,4% do total), alocados na seguinte proporção: Norte (8,7%), Nordeste (16,3%), Sudeste (49,9%), Sul (13,1%) e Centro-Oeste (12%).

Por sua vez, a capacidade de armazenamento de GLP, de 161,7 mil m³ (4,1% do total), distribuiu-se da seguinte forma: Norte (10,6%), Nordeste (19,2%), Sudeste (46,7%), Sul (16,9%) e Centro-Oeste (6,6%).

Tabela 3.1

3.2 Vendas das Distribuidoras

Em 2011, as vendas nacionais de derivados pelas distribuidoras registraram alta de 8,2%, para 111,3 milhões m³.

Por produtos, subiram as vendas de gasolina C (18,9%), para 35,5 milhões m³; gasolina de aviação (1,2%), para 70 mil m³; GLP (2,5%), para 12,9 milhões m³; óleo diesel (6,1%), para 52,3 milhões m³; e QAV (11,3%), para 7 milhões m³. As vendas de diesel representaram 46,9% do total, seguidas das de gasolina C (31,9%) e GLP (11,6%).

Sofreram baixa as vendas de óleo combustível (-25,1%), para 3,7 milhões m³, e querosene iluminante (-7%), para 14 mil m³.

O volume total de vendas não inclui nafta, óleo combustível marítimo nem óleo diesel marítimo, que são vendidos diretamente pelos produtores aos consumidores, sem a intermediação das distribuidoras.

Tabela 3.2

Gráfico 3.1

Em 2011, as vendas de óleo diesel pelas distribuidoras subiram 6,1% e alcançaram 52,3 milhões m³, volume correspondente a 46,9% do total de vendas de derivados de petróleo no ano.

Todas as regiões registraram alta nas vendas de óleo diesel, sendo a maior obtida pelo Norte (7,8%), que concentrou 10% das vendas desse derivado. Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste responderam, respectivamente, por 15,7%, 43,6%, 19,2% e 11,5% das vendas.

Por estados, São Paulo foi o que registrou o maior volume de vendas de diesel (11,9 milhões m³ ou 22,8% do total), após alta de 4,1% em relação a 2010. Em seguida, estavam Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul.

O mercado de óleo diesel foi suprido por 131 distribuidoras, sendo que as quatro empresas líderes em vendas concentraram 80,9% do mercado: BR (40,2%), Ipiranga (23%), Raízen (14,7%) e Alesat (3%).

Tabela 3.3

Tabela 3.4

Gráfico 3.2

As vendas de gasolina C apresentaram um acréscimo de 18,9% em relação a 2010, atingindo um volume de 35,5 milhões m³, que correspondeu a 31,9% do total de vendas de derivados.

Todas as regiões registraram alta nas vendas de gasolina C, com destaque para a Região Sudeste, cujo mercado cresceu 21,6%, para 16,6 milhões m³.

O consumo desse combustível apresentou a seguinte distribuição entre as regiões: Norte, 2,2 milhões m³ (concentrando 6,1% do total); Nordeste, 6,2 milhões m³ (17,6%); Sudeste, 16,6 milhões m³ (46,7%); Sul, 7,2 milhões m³ (20,4%); e Centro-Oeste, 3,3 milhões m³ (9,3%).

São Paulo foi o estado com maior consumo de gasolina C: 9,5 milhões m³ ou 26,7% do total, após acréscimo de 26,7%.

Em 2011, o mercado de distribuição de gasolina C permaneceu concentrado entre quatro distribuidoras, que detiveram 72,6% do total das vendas: BR (29,8%), Ipiranga (20%), Raízen (17,5%) e Alesat (5,3%).

Tabela 3.5

Tabela 3.6

Gráfico 3.3

As vendas de GLP subiram 2,5%, alcançando volume de 12,9 milhões m³, que correspondeu a 11,6% do total de vendas de derivados.

Todas as regiões registraram alta nas vendas de GLP, com destaque para a Região Norte, de 5,2%, para 747,5 mil m³.

O consumo desse combustível apresentou a seguinte distribuição entre as regiões: Norte, 747,5 mil m³ (concentrando 5,8% do total); Nordeste, 2,9 milhões m³ (22,4%); Sudeste, 6 milhões m³ (46,6%); Sul, 2,2 milhões m³ (17,4%); e Centro-Oeste, 1 milhão m³ (7,8%).

Um total de 17 empresas participaram da distribuição de GLP. No entanto, seis delas responderam por 96,3% do total: Ultragas (23,2%), Liquegás (22,8%), SHV Gas Brasil (21,2%), Nacional Gás (18,9%), Copagas (7,7%) e Consigaz (2,5%).

Tabela 3.7

Tabela 3.8

Gráfico 3.4

Em 2011, as vendas de óleo combustível por parte das distribuidoras tiveram uma redução de 25,1%. O volume comercializado chegou a 3,7 milhões m³, sendo que as únicas elevações foram registradas nas regiões Nordeste e Centro-Oeste (10% e 16,2%, respectivamente). As regiões Norte, Sudeste e Sul caíram 40,8%, 31% e 4,7%, nesta ordem.

O consumo desse combustível apresentou a seguinte distribuição entre as regiões: Norte, 1,3 milhão m³ (concentrando 35,4% do total); Nordeste, 720,2 mil m³ (19,6%); Sudeste, 953,2 mil m³ (26%); Sul, 366,6 mil m³ (10%); e Centro-Oeste, 333,6 mil m³ (9,1%).

Apenas três empresas responderam pela quase totalidade (98,5%) da distribuição de óleo combustível: BR (81,3%), Shell (10,9%) e Ipiranga (6,3%). Outras 17 distribuidoras complementaram o mercado desse combustível.

Tabela 3.9

Tabela 3.10

Gráfico 3.5

O volume de vendas de QAV aumentou 11,3% em comparação a 2010, beirando a marca de 7 milhões m³.

Todas as regiões registraram alta nas vendas desse derivado: Norte (8,3%), Nordeste (9,5%), Sudeste (11,6%), Sul (16,1%) e Centro-Oeste (10,6%).

O consumo desse combustível apresentou a seguinte distribuição entre as regiões: Norte, 421,8 mil m³ (concentrando 6,1% do total); Nordeste, 1,1 milhão m³ (16,3%); Sudeste, 4,3 milhão m³ (61,5%); Sul, 502,4 mil m³ (7,2%); e Centro-Oeste, 621,7 mil m³ (8,9%).

São Paulo foi o estado com o maior consumo de QAV (2,8 milhões m³ ou 40% do total), seguido do Rio de Janeiro e do Distrito Federal.

Três distribuidoras foram responsáveis por abastecer o mercado de QAV: BR (61,4%), Shell (35,4%) e Air BP (3,2%).

Tabela 3.11

Tabela 3.12

Gráfico 3.6

A distribuição de querosene iluminante sofreu retração de 7%, chegando a um volume de 14,3 mil m³.

Apenas as regiões Norte e Centro-Oeste apresentaram incremento nas vendas de 1,3% e 22,2%, respectivamente.

Em contrapartida, as regiões Nordeste, Sudeste e Sul registraram queda de 31,2%, 0,3% e 5,2%, nesta ordem.

O consumo desse combustível apresentou a seguinte distribuição entre as regiões: Norte, 1,2 mil m³ (concentrando 8,4% do total); Nordeste, 1,9 mil m³ (13,3%); Sudeste, 5,9 mil m³ (41%); Sul, 4,9 mil m³ (34,2%); e Centro-Oeste, 435 m³ (3%).

As vendas nacionais de querosene iluminante concentraram-se em três empresas, que responderam por 96,1% do mercado: BR (47,2%), Shell (27%) e Ipiranga (21,9%).

Tabela 3.13

Tabela 3.14

Gráfico 3.7

Em 2011, as vendas de gasolina de aviação aumentaram 1,2% em relação a 2010, atingindo o volume de 70,4 mil m³. Somente as regiões Norte e Sudeste obtiveram alta nas vendas: 0,01% e 9,8%, respectivamente. Nordeste, Sul e Centro-Oeste registraram queda de 9,8%, 1,8% e 0,5%, nesta ordem.

O consumo desse combustível apresentou a seguinte distribuição entre as regiões: Norte, 11 mil m³ (concentrando 15,7% do total); Nordeste, 7,5 mil m³ (10,6%); Sudeste, 22 mil m³ (31,3%); Sul, 14,2 mil m³ (20,2%); e Centro-Oeste, 15,7 mil m³ (22,2%).

A distribuição desse derivado foi realizada por três distribuidoras: BR (56,9%), Shell (29,8%) e Air BP (13,3%).

Tabela 3.15

Tabela 3.16

Gráfico 3.8

Revenda de Derivados de Petróleo

3.3 Postos Revendedores

No final de 2011, 39.027 postos operavam no País. Desses, 41,1% se localizavam no Sudeste; 22,4% no Nordeste; 20,6% na Região Sul; 8,8% no Centro-Oeste; e 7,1% na Região Norte. Os estados com maior concentração de postos revendedores eram: São Paulo (23,2%), Minas Gerais (10,7%), Rio Grande do Sul (8%), Paraná (7,1%), Bahia (5,6%) e Rio de Janeiro (5,6%).

Em âmbito nacional, 46,8% da revenda de combustíveis se dividiram entre quatro das 101 bandeiras atuantes: BR (19,9%), Ipiranga (13,8%), Raízen (9,5%) e Alesat (3,6%).

Os postos revendedores que operam com bandeira branca, isto é, que podem ser abastecidos por qualquer distribuidora, tiveram uma participação de 43,3% em 2011.

Tabela 3.17

Tabela 3.18

Gráfico 3.9

3.4 Transportadores-revendedores-retalhistas (TRRs)

Em 2011, 417 TRRs estavam cadastrados na ANP. As regiões Sul e Sudeste concentravam 36,9% e 30% desse total, enquanto Centro-Oeste, Nordeste e Norte reuniam 22,8%, 5,3% e 5%, nesta ordem. As Unidades da Federação com maior número de TRRs eram: São Paulo (18,5%), Rio Grande do Sul (17,5%), Paraná (13,2%) e Mato Grosso (11,8%).

Tabela 3.19

3.5 Preços ao Consumidor

Em 2011, o preço médio nacional da gasolina C aumentou 6,4%, saltando de R\$2,566 para R\$2,731. Os preços mais baixos foram verificados na Paraíba (R\$2,560) e os mais altos no Acre (R\$3,113). Por regiões, foram registrados os seguintes preços médios: Norte (R\$2,845), Nordeste (R\$2,705), Sudeste (R\$2,712), Sul (R\$2,721) e Centro-Oeste (R\$2,831).

Em comparação a 2010, o preço médio nacional do óleo diesel subiu 1,2% em 2011, fixando-se em R\$ 2,026. Os menores preços foram observados na Bahia (R\$1,944) e os maiores no Acre (R\$2,513). Por regiões, os preços médios foram: Norte (R\$2,163), Nordeste (R\$1,986), Sudeste (R\$1,990), Sul (R\$2,022) e Centro-Oeste (R\$2,134).

Em 2011, os preços de GLP tiveram uma elevação de 0,7% no mercado nacional, atingindo R\$2,960. Assim como em 2010, os menores preços foram encontrados no Amazonas (R\$2,416), após alta de 5,8%, e os maiores no Mato Grosso (R\$3,643), um aumento de 1,2% em relação ao ano anterior.

O preço médio nacional do gás natural veicular (GNV) teve um pequeno aumento de 0,25% em 2011, passando de R\$1,599 para R\$1,602. Os menores preços foram observados em São Paulo (R\$1,308) e os maiores no Pará (R\$2,105).

Tabela 3.20

Tabela 3.21

Tabela 3.22

Tabela 3.23

Gráfico 3.10

Em 2011, a média de preço do querosene iluminante ao consumidor foi de R\$2,079. O município de São Paulo foi o que apresentou o menor preço (R\$1,906), enquanto o maior foi encontrado em Porto Alegre (R\$2,281).

No que diz respeito ao óleo combustível A1, o preço médio em 2011 foi de R\$0,969. Salvador apresentou o menor preço (R\$0,813) e Fortaleza, o maior (R\$1,263).

O preço médio do QAV ao consumidor foi de R\$1,669 em 2011. Belo Horizonte registrou o maior preço (R\$1,952) entre os municípios selecionados, São Paulo, o menor (R\$1,585).

Tabela 3.24

Tabela 3.25

Tabela 3.26

Gráfico 3.11

Qualidade dos Combustíveis

3.6 Programa de Monitoramento da Qualidade dos Combustíveis (PMQC)

O PMQC é o instrumento que a ANP utiliza para verificar a qualidade dos principais combustíveis líquidos comercializados no País. Através dele, identificam-se focos de não conformidade, ou seja, a existência de produtos que não atendem às especificações técnicas, e planejam-se ações de fiscalização do abastecimento.

O programa teve início no último trimestre de 1998 e, desde então, cresceu em abrangência territorial, escopo de produtos monitorados e número de análises realizadas, passando a alcançar todas as Unidades da Federação em 2005.

A cada mês, são coletadas mais de 21 mil amostras de gasolina, etanol hidratado e diesel em postos revendedores escolhidos por sorteio. As amostras são analisadas em relação a diversos parâmetros técnicos no Centro de Pesquisas e Análises Tecnológicas da ANP (CPT, localizado em Brasília) e nos 22 laboratórios de universidades e instituições de pesquisa contratados. Os laboratórios enviam os resultados das análises diretamente ao Escritório Central da Agência, no Rio de Janeiro.

Semestralmente, a ANP aciona o seu Programa Interlaboratorial de Combustíveis, do qual participam todas as instituições contratadas. Esse programa monitora a qualidade e a padronização dos serviços contratados. São verificados os procedimentos de coleta, transporte e armazenamento de amostras, bem como a realização das análises e o tratamento e o envio de resultados.

Em 2011, foram coletadas 236,7 mil amostras de combustível, 13,9% a mais que em 2010. Destas, 5.094 apresentaram não conformidades¹. Foram analisadas 48.645 amostras de etanol hidratado, 97.048 de gasolina C e 91.022 de óleo diesel, cujos números de amostras com não conformidades foram de, respectivamente, 1.199, 1.821 e 2.074.

Os ensaios realizados pelas instituições integrantes do PMQC, no caso do etanol hidratado, encontraram 1.849 tipos de não conformidade, sendo 56,7% referentes a massa específica/teor alcoólico; 27,8% a aparência, cor e teor de hidrocarboneto; 10,7% a condutividade; e 4,8% a pH.

No caso da gasolina C, foram verificados 2.019 tipos de não conformidade, sendo 39,4% referentes a teor de etanol anidro combustível; 28,4% a destilação; 16,8% a aspecto, cor, benzeno (máximo), olefínico (máximo) e aromáticos (máximo); e 15,4% a octanagem.

No que diz respeito ao óleo diesel, foram observados 2.326 tipos de não conformidade, dos quais 38,5% relativos a aspecto (indicação visual da qualidade e de possíveis contaminações); 31,4% a teor de biodiesel (verificação do cumprimento ao dispositivo legal que determina a adição de biodiesel ao óleo diesel); 17,8% a ponto de fulgor; 6,4% a cor ASTM (cor ASTM fora de especificação pode ser indicativo de degradação ou contaminação) e massa específica a 20 °C; 4,4% a concentração de enxofre no combustível; e 1,5% a corante.

Tabela 3.27

Tabela 3.28

Gráfico 3.12

Gráfico 3.13

Gráfico 3.14

Gráfico 3.15

¹ Cada amostra analisada pode conter uma ou mais não conformidades.

Comercialização de Gás Natural

3.7 Consumo Próprio e Vendas de Gás Natural

As vendas de gás natural sofreram queda de 3,5% em 2011, para 18,5 bilhões m³.

A Região Sudeste continuou sendo a que mais consome gás natural no país, com 64,1% de todo o volume de gás natural comercializado. No entanto, as vendas destinadas a essa região caíram 8,4%, para 11,8 bilhões m³. Seguiram esta tendência as regiões Nordeste e Centro-Oeste, com decréscimo de, respectivamente, 5,2%, para 4,2 bilhões m³ (22,8% do total de vendas), e 60,8%, para 75 milhões m³ (0,4% do total).

As regiões Sul e Norte foram as únicas a registrar aumento nas vendas. A primeira teve acréscimo de 10,3%, para 1,7 bilhão m³, 9,2% do total. E a segunda subiu 1.301,5%, para 647 milhões m³, 3,5% do total.

Por estados, o maior volume de gás natural foi vendido em São Paulo (5,7 bilhões m³, após queda de 1,6%), Rio de Janeiro (4 bilhões m³, após diminuição de 25%) e Bahia (1,9 bilhão m³, após decréscimo de 8,7%).

No que se refere ao consumo próprio, que é o gás natural utilizado nas áreas de produção, refino, geração térmica, processamento e movimentação, houve um aumento de 7,2% em comparação a 2010. Do total de 8,7 bilhões m³ consumidos em 2011, 78,1% ou 6,8 bilhões m³ corresponderam ao Sudeste, após alta de 14,7%. A Região Nordeste também apresentou acréscimo em seu consumo, de 2%, para 1,3 bilhão m³, 15,1% do total nacional.

Registraram baixa no consumo próprio as regiões Norte, Sul e Centro-Oeste. Os decréscimos foram de, respectivamente, 3,7%, 44% e 54,4%, refletindo um consumo próprio de 241,5 milhões m³, 297,5 milhões m³ e 55 milhões m³.

Do consumo próprio total, 3,7 bilhões m³ destinaram-se às operações de produção, volume que apresentou um crescimento de 4,4% em relação a 2010. Nas refinarias, nos sistemas de movimentação de gás natural e nas UPGNs foram consumidos 4,5 bilhões m³, um decréscimo de 0,8% em relação ao ano anterior.

No balanço do gás natural no Brasil, a oferta interna corresponde à soma dos valores de importação e produção, descontados ajustes, queima, perda e reinjeção. O valor da oferta interna também pode ser obtido pela soma do consumo próprio total, do LGN absorvido nas UPGNs e das vendas. Em 2011, a oferta interna de gás natural foi de 28,4 bilhões m³. Deste total, 64,9% destinaram-se às vendas e 30,5% ao consumo próprio total, enquanto outros 4,5% foram absorvidos como LGN nas UPGNs.

Tabela 3.29

Tabela 3.30

Tabela 3.31

Gráfico 3.16

Gráfico 3.17